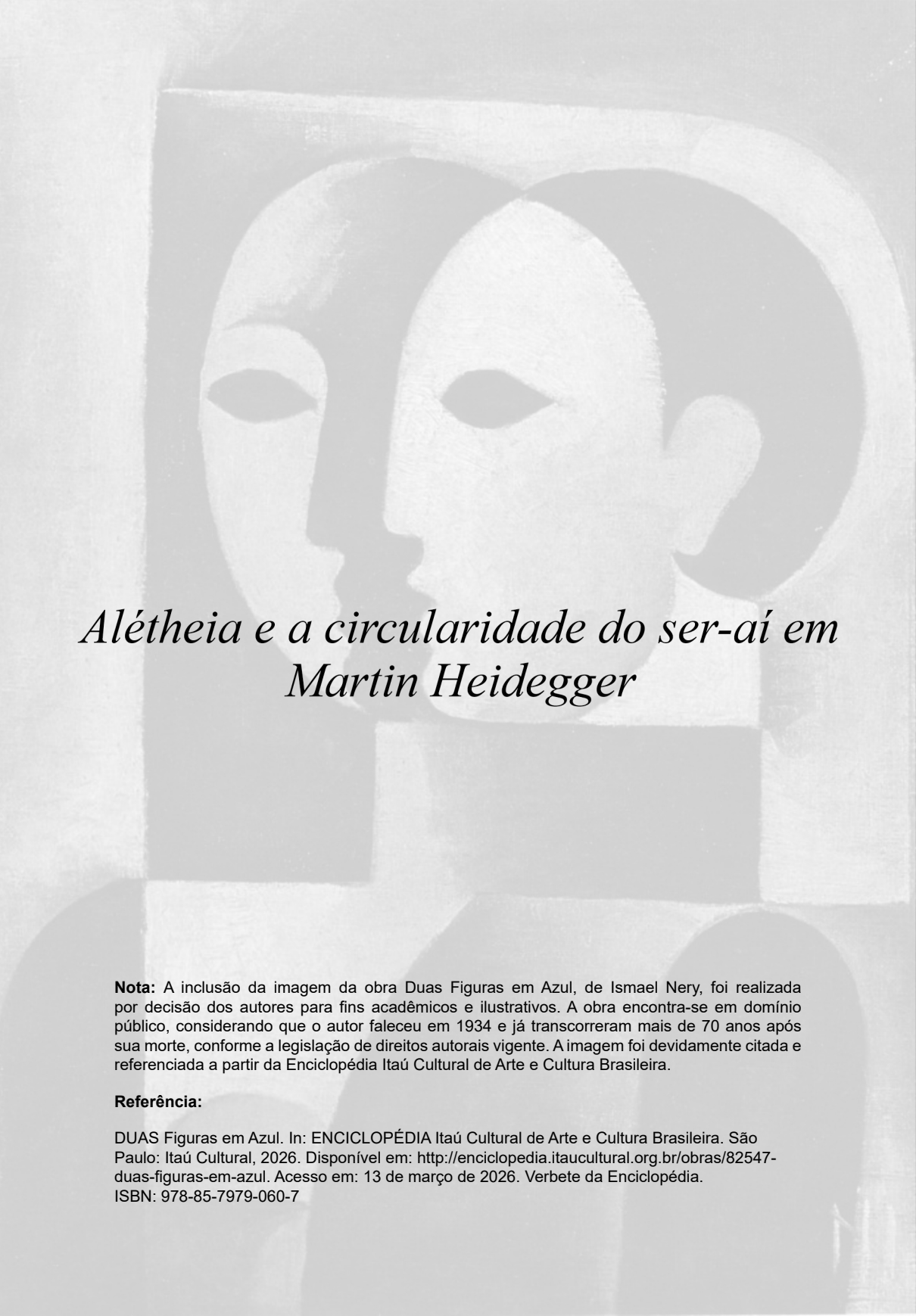


André Christian Dalpicolo
Marcelo Martins Bueno



*Alétheia e a circularidade do ser-aí em
Martin Heidegger*



Alétheia e a circularidade do ser-aí em Martin Heidegger

Nota: A inclusão da imagem da obra Duas Figuras em Azul, de Ismael Nery, foi realizada por decisão dos autores para fins acadêmicos e ilustrativos. A obra encontra-se em domínio público, considerando que o autor faleceu em 1934 e já transcorreram mais de 70 anos após sua morte, conforme a legislação de direitos autorais vigente. A imagem foi devidamente citada e referenciada a partir da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

Referência:

DUAS Figuras em Azul. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82547-duas-figuras-em-azul>. Acesso em: 13 de março de 2026. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

André Christian Dalpico
Marcelo Martins Bueno

*Alétheia e a circularidade do ser-aí em
Martin Heidegger*



AYA EDITORA
2026

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autores

Prof.º Me. André Christian Dalpicolo

Prof.º Dr. Marcelo Martins Bueno

Capa

AYA Editora©

Revisão

Os Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de
Arte e Cultura Brasileira

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2026 - **AYA Editora**. O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

D149 Dalpico, André Christian

Alétheia e a circularidade do ser-aí em Martin Heidegger [recurso eletrônico]. / André Christian Dalpico, Marcelo Martins Bueno. -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 45 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-947-9

DOI: 10.47573/aya.5379.1.453

1. Heidegger, Martin, 1889-1976 - Crítica e interpretação. 2. Filosofia alemã. I. Bueno, Marcelo Martins. II. Título

CDD: 193

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações de
Periódicos e Editora LTDA**

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: https://ayaeditora.com.br

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

84.071-150

SUMÁRIO

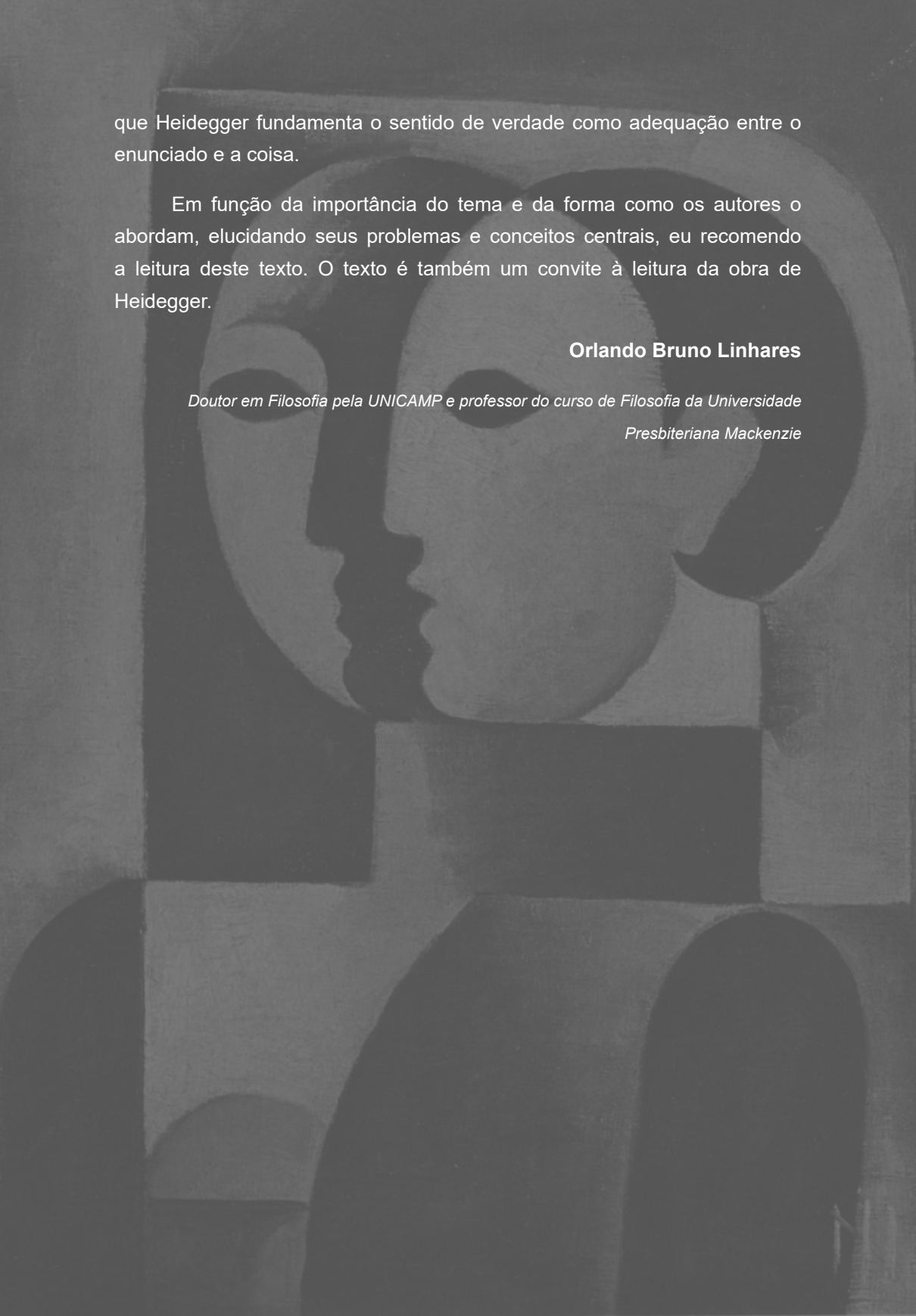
APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO	10
O Problema da Pesquisa	12
Objetivo Geral e Objetivos Específicos	13
Justificativa	13
Metodologia.....	14
RESULTADOS E REFLEXÃO	15
A Ruptura com a Metafísica da Luz.....	17
A Compreensão do Ser-no-mundo a Partir do Acontecimento- Apropriação	19
A Linguagem Ontológica é a Abertura das Possibilidades Projetivas do <i>Ser-aí</i>	22
A Superação da Tradição Metafísica e a Viravolta Heideggeriana ²⁴ A Origem do Binômio “Velamento-Desvelamento”	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36
SOBRE OS AUTORES.....	39
ÍNDICE REMISSIVO	40

APRESENTAÇÃO

O texto intitulado “Alétheia e a circularidade do *ser-aí* em Martin Heidegger”, de autoria de André Christian Dalpico e Marcelo Martins Bueno, consiste na reelaboração do artigo, originariamente apresentado em 2024, pelo segundo e orientado pelo primeiro, na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Heidegger é um dos filósofos mais influentes na contemporaneidade, mas a forma de apresentar seus temas e problemas e a linguagem na qual são formulados dificultam a compreensão do seu pensamento. O texto que apresento tem a função de elucidar estas questões.

Ambos, com larga experiência no ensino e na pesquisa, se ocupam da crítica de Heidegger à metafísica ocidental, tomando como base de análise a interpretação proposta pelo filósofo alemão do conceito de *alétheia*. Ao analisarem este conceito, os autores o abordam em dois movimentos, que indicam dois momentos distintos no pensamento heideggeriano: no primeiro movimento, ao apresentarem as relações entre ser e verdade, a partir das possibilidades projetivas do *ser-aí*, mostram como o problema do ser foi abordado pela tradição ocidental. As diferentes maneiras como a metafísica ocidental tratou do problema do ser é interpretada por Heidegger como os períodos de errância na compreensão do ser. No segundo movimento, se ocupam da investigação sobre a essência da verdade, que é revelada ao se analisar o binômio “velamento-desvelamento” do ser. Heidegger argumenta que a metafísica ocidental é incapaz de resolver o problema da *alétheia*, tomando como base a estrutura proposicional sujeito-objeto. O filósofo não nega a estrutura proposicional sujeito-objeto, que está fundada no princípio *adaequatio rei et intellectus*. O que ele propõe é a busca de uma verdade originária, que fundamenta toda verdade ôntica. A verdade originária indica a estrutura primária da relação do *Dasein* com o mundo, que é anterior as relações linguísticas e as fundamenta. É a partir desta verdade originária



que Heidegger fundamenta o sentido de verdade como adequação entre o enunciado e a coisa.

Em função da importância do tema e da forma como os autores o abordam, elucidando seus problemas e conceitos centrais, eu recomendo a leitura deste texto. O texto é também um convite à leitura da obra de Heidegger.

Orlando Bruno Linhares

Doutor em Filosofia pela UNICAMP e professor do curso de Filosofia da Universidade

Presbiteriana Mackenzie



Introdução

Compreender o discurso heideggeriano – que pode ser sintetizado na palavra grega *alétheia* – requer do leitor um certo despojamento de toda sua herança lógico-formal. Exemplo disso é a insistência do filósofo alemão na rejeição da compreensão do *ser-aí* através do esquema “sujeito-objeto”. Caso contrário, corre-se o risco de se perder a espinha dorsal do seu pensamento.

Desse modo, a linguagem heideggeriana que anuncia o ser-no-mundo – compreensível a partir do redimensionamento da questão do ser através da clareira que simultaneamente se oculta e se manifesta – não se caracteriza pela harmonia dos seus enunciados. Pelo contrário, a impressão que fica ao leitor menos atento é a falta de *sequência lógica* nas reflexões realizadas pelo filósofo alemão. Afinal, o que existe de mais “evidente” no mundo que o princípio da identidade do ser? Ou, se preferirmos, qual objeção pode ser levantada para o conceito de verdade como conformidade?

Por outro lado, quem consegue penetrar no âmago da linguagem heideggeriana, que se identifica com o seu objeto de estudo, logo compreende o princípio originário que sustenta, em última análise, esta falta impressão:

O que surpreende na linguagem não é a riqueza e a harmonia no vocabulário é, antes de tudo, a precariedade das formas que sempre são subjugadas pelo que transborda no tema. A maleabilidade com que as palavras de Heidegger se rendem aos apelos menos discursivos, às exigências plásticas da matéria, dá-lhes a sugestão da incompletude e a impressão de estar a caminho. Por isso, o pensamento de Heidegger perde a aspereza do ar especulativo, os contornos das ideias dominadas pela lógica. Há antes uma profundidade nevoenta que sempre sugere mais abismos do que a paisagem aparenta (...). Poucos modos de dizer dissecam tão violentamente os lugares comuns e fazem romper, das ideias já feitas, a novidade que desde sempre escondem. E, contudo, não se tem a impressão de que haja um método extremo rígido, uma disciplina pessoal que mecanicamente orienta o surto da linguagem. Em Heidegger domina soberanamente o objeto, dele emerge a unidade, dele recebe a linguagem pujança e dele participa seu caráter imponderável e sua ambivalência espontânea (Stein, 1968, p.36).

Diante disso, o presente trabalho tem a intenção de procurar evidenciar o sentido do termo grego *alétheia* compreendendo, para tanto, o círculo hermenêutico do *ser-aí*. Para que o nosso projeto seja bem-sucedido, é preciso remontar às origens do destino epocal do ser, mostrando seu caráter *historial* que fundamenta os seus períodos históricos (de errância).

O Problema da Pesquisa

Dito de maneira breve, a pergunta que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é a seguinte: de que maneira Martin Heidegger compreende o sentido do termo grego *alétheia*?

Convém observar que a resposta dessa questão evidenciará o processo de evolução do pensamento heideggeriano no que tange à essência da Verdade. Com efeito, isso acontece porque o filósofo alemão compreenderá a necessidade de revelar a gênese do binômio “velamento-desvelamento” no interior da História da Filosofia.

Como será visto posteriormente, tal gênese é descrita pelo livro VII da República de Platão. De certa maneira, isso acontece porque tal livro detalhará, a partir de um exemplo existencial, a passagem do mundo das sombras para o mundo das essências.

O resultado dessa passagem será o entendimento da *alétheia* como *Lichtung*, ou melhor, como a “clareira que permite que o ser e o pensamento ocorram na presença de um ao outro e de um para o outro” (Heidegger e Fink, 2017, p. 259).

Porém, isso não é tudo. De certo modo, a travessia do mundo das sombras para o mundo das ideias também especifica a forma pela qual o desvelamento do Ser se transforma na retitude da percepção humana (o aprisionamento da *alétheia* aos ditames da ideia).

Com isso, nasce a concepção de Verdade como o acordo ou como a conformidade entre a proposição e a objetividade. Não se trata de uma concepção falsa ou sem valor, mas sim, de algo derivado de uma ideia originária de Verdade.

Objetivo Geral e Objetivos Específicos

Este trabalho tem como objetivo principal dilucidar a noção de *alétheia* segundo a filosofia de Martin Heidegger, dado que essa noção é fundamental para o entendimento das relações globais entre a condição humana e o mundo.

Já no que diz respeito aos objetivos específicos, pretende-se:

- Indicar o ocultamento do aspecto originário da Verdade a partir da consolidação da sentença metafísica *adequatio rei intellectus*.
- Indicar a *Alegoria da Caverna* como a gênese do binômio “velamento-desvelamento”.
- Detalhar o processo pelo qual o desvelamento do Ser se transforma na retidão da percepção em torno da objetividade.

Justificativa

De antemão, deve-se assinalar que a primeira versão deste trabalho foi escrita em 2002 durante a realização do Mestrado em Filosofia.

Naquela época, a justificativa do trabalho residia na valorização do saber filosófico para a compreensão da essência da Verdade, uma vez que esse saber conseguia detectar a esfera antepredicativa que compõe a tessitura da essência.

Convém observar que a justificativa se manteve intacta durante a versão final do trabalho. Com efeito, isso aconteceu porque o saber filosófico conseguiu demonstrar a forma pela qual essa esfera antepredicativa permaneceu oculta por tanto tempo na História.

De certo modo, não é inexato acrescentar que esse ocultamento motivou a alienação da condição humana, uma vez que esta última não se reconheceu como *Dasein* (possibilidades projetivas do *ser-aí*).

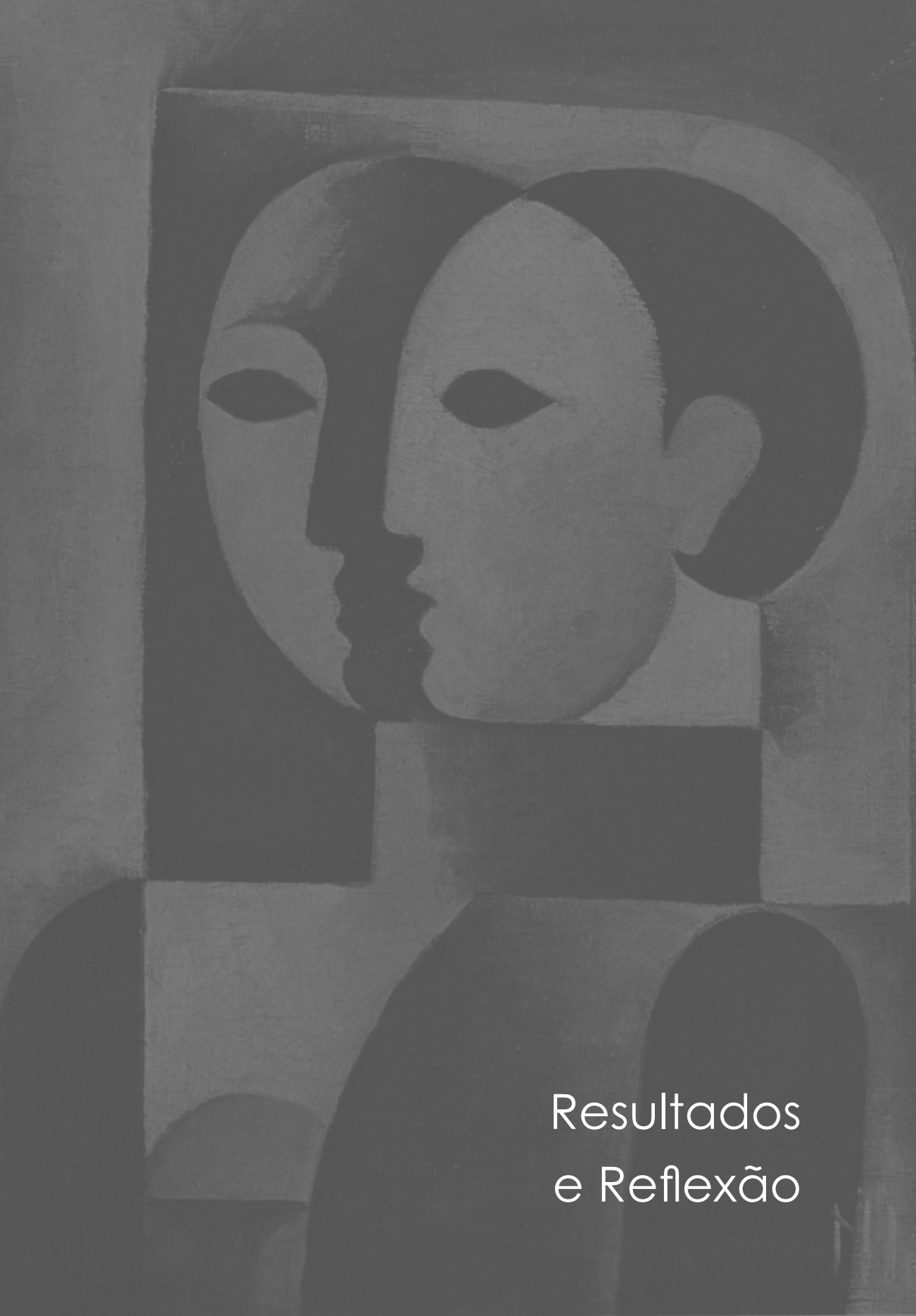
Metodologia

Antes de tudo, deve-se assinalar que esta pesquisa é de natureza exploratória, já que procurou compreender a noção de *alétheia* segundo a filosofia heideggeriana. Para tanto, foi preciso destacar os dois períodos fundamentais dessa filosofia, ou seja, a fase que indica o destino epocal do ser, além da fase que especifica a reviravolta ontológica heideggeriana a partir do binômio “velamento-desvelamento”.

De natureza qualitativa, o presente estudo procurou investigar o processo que se iniciou com a crítica em torno da compreensão da Verdade atravésdo esquema “sujeito-objeto” e se encerrou com a ênfase em torno de uma outra forma de entendimento da essência dessa Verdade.

Convém observar que tal estudo deve ser classificado como bibliográfico, dado que apresenta como fontes primárias os textos heideggerianos *Sobre a essência da Verdade* e *A teoria platônica da Verdade*.

Além disso, também apresenta como fontes secundárias algumas obras heideggerianas, tais como as conferências *Que é Metafísica?* e *Identidade e Diferença*, além de renomados intérpretes do pensamento do filósofo alemão.



Resultados
e Reflexão

A intenção desta segunda seção visa indicar um caminho, segundo o pensamento heideggeriano, para a compreensão do fundamento da Verdade. Para tanto, torna-se essencial destacar, desde agora, o seguinte: a busca pela essência da Verdade não pode distinguir-se da procura do entendimento ¹ originário sobre o termo grego *alétheia* ².

É necessário reconhecer que o problema da essência da Verdade está ligado ao conhecimento ³ do ser; portanto, torna-se superficial, tal como fez a tradição metafísica, identificar tanto o princípio da Verdade a partir da conformidade, quanto o do ser por meio da identidade.

Desta maneira, é essencial evidenciar o princípio originário negligenciado pela tradição metafísica; caso contrário, toda a compreensão do ser, assim como da verdade, não atingirão a *alétheia*.

Visando a retomada da compreensão autêntica da verdade da essência (que tornará inteligível a essência da Verdade) procuraremos resgatar o início do destino epocal do ser: “Nisto que denominamos o grego, repousa, pensado epocalmente, o início da época do ser. Este início a ser pensado ele mesmo epocalmente é o primórdio do destino no ser a partir do ser” (Heidegger, 1973, p. 35).

Entretanto, não se pode omitir o seguinte: o início da época do ser gerou o seu próprio destino histórico, marcado por períodos de errância. Somente a partir da reflexão sobre o sentido do ser é que se pode ser revelado subitamente o mundo. Contudo, essa irrupção é originada pela própria experiência do enriquecimento do ser.

1 O termo entendimento não pode ser interpretado a partir da concepção do homem como um homo faber ou homo sapiens. Para efeito de análise, ele deve ser interpretado como um sinônimo de compreensão: “O compreender é um ver, que nem se confunde com a intuição empírica ou com a intuição intelectual – ligada à ideia clássica do homo sapiens (natureza racional) – nem com percepção instrumental – ligada à ideia moderna do homo faber (espécie inteligente, fabricante de utensílios (Nunes, 1986, p.170).

*2 Para não incidir em qualquer espécie de confusão sobre a grafia da palavra *alétheia*, o trabalho adotou a seguinte metodologia:*

*a) No texto corrente, a palavra será escrita com acento agudo e com letra minúscula, ou seja, *alétheia*.*

*b) Nas citações, serão respeitadas as grafias utilizadas pelos respectivos autores. Por exemplo, Ernildo Stein utiliza *aletheia*.*

*3 Segundo Ernildo Stein, a distinção entre dois tipos de conhecimento (compreensão e objetivação) pode mostrar a necessidade da análise do termo grego *alétheia*: “Talvez seja a própria compreensão da *aletheia* que tenha possibilitado a Heidegger distinguir radicalmente entre o conhecimento (compreensão) do ser e conhecimento (objetivação) dos entes na relação sujeito-objeto. Aquilo que se retrai, sendo cobertura a abertura, escondendo-se como fundamento da relação sujeito-objeto é a *aletheia* pensando em sua verdadeira essência (Stein, 1968, pp.38-39).*

Eis resumida a tarefa do presente trabalho. Neste plano, pretende-se compreender o círculo hermenêutico do *ser-aí* através do redimensionamento da questão do ser, ou seja, fundamentá-lo a partir da exposição do binômio “velamento-desvelamento”.

A Ruptura com a Metafísica da Luz⁴

Na introdução da obra *Compreensão e Finitude*, Ernildo Stein mostrou que toda a tradição metafísica foi fundada por meio do seguinte enunciado: o ser que é verdadeiro aponta para uma transparência. Contudo, é preciso destacar que esta afirmação só pôde ser validada através de um elo original entre ser e verdade que, em sua análise, remonta aos primeiros pensadores⁵ do destino epocal do ser.

Desta maneira, a tradição metafísica sustentou que o princípio criador, tanto do ser quanto da verdade, repousa em um Ser onisciente e onipresente: “O fundamento último da verdade reside na inteligibilidade principal de todo ser que, na sua criação, é derivado da inteligência divina. Em primeira análise, é Deus que origina, portanto, a verdade do Ser” (De Waelhens, 1946, p. 103).

Contudo, Heidegger nos mostrou que a interpretação metafísica sobre a essência da Verdade funda-se em um princípio mais originário e essencial; desse modo, é preciso torná-lo inteligível⁶. Assim, torna-se fundamental questionar a tradição metafísica sobre o primado da transparência e da identidade na relação entre ser e ente. Para tanto, é preciso evidenciar a diferença ontológica entre ambos, assim como a sua interdependência. Segundo Stein,

Heidegger afirma, aqui, uma dependência do ser da compreensão do ser. Somente se é compreensão do ser, o ente se torna acessível como ente; somente enquanto é um ente do tipo ontológico do *ser-aí* é possível a compreensão do ser enquanto ente (Stein, 1968, p.2).

⁴ Expressão originariamente extraída da obra *Compreensão e Finitude*, de Ernildo Stein.

⁵ Segundo Beaini (1981, p.39), Heidegger acredita que a compreensão autêntica do ser retoma a questão primordial da filosofia. Além disso, tal problemática remonta aos primeiros amantes do saber, assim como denuncia o esquecimento da tradição filosófica em relação a sua principal tarefa.

⁶ Tal como acontece com a palavra entendimento, o termo inteligível deve ser aqui interpretado como um sinônimo de compreensão, já que ele não indica o *ser-aí* a partir do par “sujeito-objeto”.

Decerto, o leitor atento poderia questionar como o ser é dependente da sua compreensão? Para responder tal indagação, torna-se fundamental focalizar uma tese defendida por Heidegger na conferência *Identidade e Diferença*. Naquela ocasião, o filósofo alemão anunciava, tanto o ser quanto o *ente historial*, como um *comum-pertencer*:

O *comum-pertencer* de homem e ser ao modo da recíproca provocação nos faz ver, de uma perspectiva desconcertante, o fato e a maneira como o homem está entregue como propriedade do ser e como o ser é apropriado ao homem (Heidegger, 1971, pp.61-62).

Desse modo, é importante afirmar a existência de um ente específico (historial) que é capaz de escutar o apelo do ser, isto é, o *ser-aí*. Segundo Heidegger, a compreensão deste último como *ente historial* abrirá caminho para o entendimento autêntico entre ser e ente, por intermédio do *acontecimento-apropriação*⁷.

7 De acordo com a tradução de Ernildo Stein do texto *Identidade e Diferença*, é preciso destacar que o termo *acontecimento-apropriação* pode ser interpretado de duas maneiras distintas: o primeiro será escrito sem qualquer especificação e o segundo virá em itálico.

Em primeiro lugar, o termo *acontecimento-apropriação* significa a reciprocidade entre o ser e o homem, realizada pela razão técnica, através do conceito de arazoamento.

Já em segundo lugar, o *acontecimento-apropriação* representa uma comunidade essencial entre o ser e o homem. Além disso, ele também fundamenta o *acontecimento-apropriação*. Desta maneira, o *acontecimento-apropriação* abre a possibilidade de entender que os princípios da autotransparência e da identidade do ente são fundamentados através da diferença com o sentido do ser. Neste plano, pode-se identificar, sob a luz do pensamento heideggeriano, que a razão técnica, assim como a doutrina metafísica, são originadas pela busca da verdade da essência (através da finitude transcendental): "O *acontecimento-apropriação* apropria homem e ser em sua essencial comunidade. Um primeiro e embaraçoso clarão do *acontecimento-apropriação* no arazoamento. Este constitui a essência do universo moderno da técnica. No arazoamento entreveamos um *comum-pertencer* de homem e ser, em que o deixar pertencer primeiramente determina a espécie de comunidade e sua unidade. Acompanhou-nos na questão do pelo *comum-pertencer*, em que o pertencer tem prioridade sobre a comunidade, o dito de Parmênides: 'Pois o mesmo é tanto pensar como ser'. A questão do sentido deste mesmo é a questão da essência da identidade. A doutrina da metafísica apresenta a identidade como um traço fundamental no ser. Mas agora se mostra: ser como o pensar faz parte de uma identidade, cuja essência brota daquele *comum-pertencer* que designamos *acontecimento-apropriação*. A essência da identidade é uma propriedade do *acontecimento-apropriação*" (Heidegger, 1971, pp. 65-66). Em face do exposto, os termos *acontecimento-apropriação* e *acontecimento-apropriação* serão utilizados no corrente texto, já que possuem uma importância capital para diferenciar a comunidade essencial ser-homem e a comunidade edificada pela razão técnica. Já no caso das citações, serão respeitadas as formas utilizadas pelos seus respectivos autores.

A Compreensão do Ser-no-mundo a Partir do Acontecimento-Apropriação

No item anterior, procuramos identificar o princípio originário que fundamenta a concepção da Verdade constituída pela tradição metafísica. Nesse sentido, afirmamos a importância da indagação acerca da origem da essência, uma vez que verdade e ser estão ligados originariamente.

Além disso, foi ressaltada a relação entre ser e ente a partir do *acontecimento-apropriação*. De que maneira isso pode ocorrer? Em linhas gerais, este princípio só pode emergir em sua legítima autenticidade, na medida em que se desvele a abertura do *ser-aí* do ser-no-mundo.

Por outro lado, a compreensão do ser-no-mundo revela a existência do *acontecimento-apropriação* baseado no arrazoamento. Trata-se de um elemento que representa um fator primordial para a compreensão projetivas do *ser-aí*:

Falando da fuga do pensamento em que se movimenta o homem moderno, distingue dois tipos de pensamento: o pensamento que calcula e o pensamento que medita: “Existem dois tipos de pensamento, ambos por sua vez e a seu modo são justificados e necessários: o pensamento que calcula e o pensamento que medita o sentido” (Stein, 1971, p. 77).

Ainda de acordo com Ernildo Stein, a filosofia não deve se adequar aos princípios estabelecidos pelo binômio “sujeito-objeto” e por meio do universo moderno da técnica. Logo, a tarefa da filosofia funda-se na meditação sobre o sentido do ser, uma vez que ela procura discutir a origem dos princípios; assim, é preciso enxergar o *ente historial* que viabiliza o *acontecimento-apropriação* entre ser e ente. Se assim não for, a essência da verdade não atingirá o seu fundamento ontológico.

Por conseguinte, é fundamental buscar a compreensão da essência da verdade em dois princípios: o primeiro repousa no seu caráter proposicional e o segundo está sustentado a partir da ideia de fundamento:

Além disso, a verdade como fundamento, que é *um dar razão – principium reddendae rationis* -, reside na proposição. Por outras palavras, a verdade, que legitima o ente, enquanto lhe dá o fundamento racional, estabelecendo o seu acordo ou sua concordância com o que é idêntico, tem caráter proposicional. O problema do fundamento levamos, pois, ao da verdade, do qual não podemos separá-los, e ambos levam-nos à proposição” (Nunes, 1986, p.167).

Por outro lado, pode-se afirmar que o caráter proposicional da verdade em direção ao problema do fundamento. Isto porque ela pode revelar subitamente a existência de um *ente historial* que é capaz de escutar o apelo do ser. Contudo, o ser-no-mundo não deve ser compreendido pelo binômio “sujeito-objeto” (homem-mundo), mas a partir de uma linguagem ontológica que o anuncia.

Todavia, vale a pena destacar o seguinte: a compreensão do *ente historial* como ser-no-mundo não exclui a relação entre ser e ente a partir do *acontecimento-apropriação*, uma vez que o destino epocal do ser é marcado pela errância.

Nesse plano, é essencial entender que a compreensão da clareira entre ser e ente no *acontecimento-apropriação* – fundado em um *ente historial* que rompe com a dualidade homem-mundo – torna-se compreensível à medida que exista o *acontecimento-apropriação* (onde o sentido do ser é entendido pelo princípio da identidade e da revelação, tal como aconteceu a tradição metafísica).

Após estes esclarecimentos, é importante destacar que a compreensão do *ser-aí*, realizada através da linguagem ontológica que o anuncia, remonta ao sentido originário do termo grego *alétheia*, fundamental para o entendimento da essência da Verdade:

No arcabouço ontológico da língua grega, a que também remonta a significação primeira de fenômeno, estariam esses suportes, que serviriam de pressuposto tácito ao conceito de verdade como *adequatio rei et intellectus*. A tal arcabouço ontológico da linguagem que, anterior à reflexão, respaldou o uso do idioma, dando o travejamento das acepções do ser, pertence, conjuntamente a logos e a *phainómenon* (o que se mostra a si mesmo), o significado de *alétheia*: não- encobrimento

e desocultamento, a verdade do *logos* para os pensadores gregos, recalçada e esquecida na ideia de *veritas* como adequação ou concordância" (Nunes, 1986, p.167).

Entretanto, a linguagem ontológica que anuncia o *ser-aí* como ser-no-mundo necessita estar ligada a uma experiência antepredicativa que – anterior a qualquer reflexão realizada a partir da compreensão do ser como identidade e da verdade como proposição – torna clarividente o círculo hermenêutico do *ente histórico*.

Segundo De Waelhens (1946, p.50), o enunciado antepredicativo não pode ser explicado através do entendimento do ser como identidade e da verdade como proposição. Diante disso, ocorre a destruição da noção da subjetividade cartesiana, assim como todas as interpretações idealistas que envolvem a consciência em uma espécie de recipiente. Isto ocorre porque ambas não enxergam a experiência antepredicativa do *ser-aí*, isto é, não conseguem compreender que o fundamento da verdade repousa na liberdade originária.

Ainda de acordo com o autor, a experiência antepredicativa indica a experiência do próprio *ser-aí* como ser-no-mundo. Isto é possível por causa dos três estatutos desta experiência, a saber: compreensão, interpretação e discurso.

Destarte, o anúncio do *ser-aí* como ser-no-mundo já indica que toda a compreensão da experiência antepredicativa baseia-se, por princípio, em uma articulação interpretativo- discursiva. É errôneo buscar o entendimento de cada estatuto do *ser-aí*, sem que o mesmo esteja em estreita ligação com os outros dois. Caso contrário, abre-se a possibilidade de perder a tessitura fundamental do pensamento heideggeriano.

A Linguagem Ontológica é a Abertura das Possibilidades Projetivas do *Ser-aí*

No item precedente, o pensamento heideggeriano indicou a linguagem ontológica como a fonte segura para a compreensão do ser-no-mundo. Entretanto, o seu indício não significa que a questão foi dilucidada, uma vez que é necessário mostrar de que maneira isto é possível. Caso contrário, toda a questão da verdade da essência – e por conseguinte a essência da Verdade – não atingirão a *alétheia*.

Como afirmado, a linguagem ontológica anuncia a experiência antepredicativa do *ser-aí*.

Portanto, é preciso destacar todos os elementos que viabilizam este surgimento.

Segundo De Waelhens, (1946, p. 90), o primeiro elemento a ser destacado é a compreensão do sentimento originário do *ser-aí*. Para ele, engana-se quem acredita que este elemento está ligado a alguma concepção ordinária de afetividade. Pode-se afirmar, portanto, que o entendimento deste sentimento se baseia na afirmação que as possibilidades projetivas representam o *ser-aí*. No entanto, não se pode interpretá-las de acordo com as especulações da tradição metafísica, uma vez que as mesmas gravitam no terreno da Analítica existencial. Então, vale a pena recordar que a experiência antepredicativa anuncia o *Dasein* como ser-no-mundo.

Por outro lado, De Waelhens esclarece que a discussão sobre o *ser-aí* não pode ficar reduzida ao seu campo de possibilidades. Então, pode-se afirmar que a própria compreensão do seu sentimento original já traz no seu bojo o princípio da interpretação.

Sustentado em que prerrogativa De Waelhens pôde apresentar tal afirmação? Em linhas gerais, o *ser-aí* entende a interpretação como o ponto de vista existencial com relação a sua própria facticidade. Desse modo, pode-se afirmar que a interpretação do *ser-aí*, em face das suas possibilidades, é dividida em dois tipos fundamentais: a autenticidade e a inautenticidade.

Ainda de acordo com o autor, a autenticidade caracteriza-se pela compreensão do *ser-aí* de suas próprias possibilidades projetivas, onde ele se enxerga como a fonte de toda a valoração e significabilidade do mundo. Já a inautenticidade, por sua vez, representa o esforço do *ente historial* em identificar a sua existência através dos objetos intramundanos:

Enfim, tudo o que nós possuímos de conhecimento – seja prático, científico ou filosófico – é fundado a partir da interpretação. Neste plano, ela deve ser entendida como existencial, como característica constitutiva da existência humana. Se nós temos ou podemos ter uma concepção do ser em geral – uma metafísica – é porque o *Dasein* é, em si mesmo, interpretativo; porque, em si mesmo, ele projeta sobre o fundo dos existentes brutos uma visão que os esclarece, assim como lhes confere sentido. A partir dessa grande ideia – verdadeiro *leitmotiv* da analítica existencial – é que toda metafísica possui o seu valor de ser. A metafísica é uma obra humana que não se deixa separar do agente que a originou. Nós compreendemos sempre melhor a questão do ser, uma vez que a analítica existencial do *Dasein* é o ponto de partida obrigatório de toda ontologia (De Waelhens, 1946, p.93).

Destarte, a revelação da autenticidade do *ser-aí* é feita através do sentimento da angústia. Contudo, de que maneira o ser-no-mundo pode ficar angustiado? Em poucas palavras, o fenômeno da angústia se baseia no fato do *ente historial* descobrir o mundo como algo que está mais próximo de “si” mesmo e mais “visível” do que os objetos que ele contém. Ou, se preferirmos, o ser-no-mundo descobre a mundaneidade no seu estado autêntico.

De acordo com Nunes, a análise sobre a interpretação aponta para o terceiro elemento da abertura do *aí* do ser-no-mundo: o discurso. Ele abre caminho para a compreensão do *acontecimento-apropriação* entre ser e ente, através do esclarecimento da experiência antepredicativa. Além disso, o pensador brasileiro também que o discurso será o elemento para entender a questão da verdade da essência, onde a autêntica linguagem entre ser e ente não permitirá (tal como acontece na história da filosofia), o esquecimento do ser:

Os embaraços conceituais da doutrina do discurso expostos nos §§ 34 e 35 de *Ser e tempo*, que assinalam essa transição do pensamento heideggeriano – em sua segunda fase nucleado em torno da linguagem –, estampam-se na própria equivocidade do termo designativo, *die Rede*, que significa, além de *discurso*, *conversação* e *pronunciamento*. Conotando o logos grego retraduzido, o discurso que nos daria a abertura do *Dasein* em seu *aí*, incluindo, portanto, a disposição de ânimo, é, como modo eminente de temporalização, a que não cabe o domínio de um êxtase determinado, o existensivo da linguagem, o seu fundamento ontológico. O discurso seria o fenômeno de que a linguagem é uma instância ontica-empírica (Nunes, 1986, p. 173).

Como já foi dito anteriormente, a efetivação do *acontecimento-apropriação* entre ser e ente depende do entendimento da experiência antepredicativa. Desse modo, é preciso que o ser-no-mundo escute o apelo do ser, uma vez que a verdadeira compreensão do discurso repousa no silenciar, ouvir e pronunciar. Caso contrário, o *ser-aí* não sairá da impessoalidade dos entes intramundanos e não atingirá seu fundamento ontológico.

A Superação da Tradição Metafísica e a Viravolta Heideggeriana

Se a intenção do tópico anterior repousava na busca de um caminho autêntico para a compreensão da essência da Verdade, da abertura do *aí* do ser-no-mundo, este item começará a mostrar que essa compreensão é fundamentada por intermédio do binômio “desvelamento-velamento”.

Para tanto, faz-se necessário compreender a linguagem ontológica do *ser-aí*. De certo modo, esta compreensão exige da filosofia uma grande esforço visando o entendimento da origem epocal do ser, assim como de seu destino (errância):

Com a publicação dos escritos posteriores já não cabe dúvida, que a filosofia heideggeriana é uma reflexão sempre mais exclusiva sobre a essencialização da verdade do ente como a Verdade do Ser. A existência humana se agita dentro da tensão entre imanência e transcendência, porque o homem existe, enquanto in-siste {sic} no domínio da Verdade do Ser, é a vicissitude instaurada pela diferença irreduzível e referência

necessária entre ente e ser. A tarefa do pensamento não é procurar sair desse círculo de diferença e referência e sim nele ingressar de maneira a poder regressar até a fonte originária de sua tensão e unidade (Leão, 1969, p.16).

Assim, a compreensão do círculo hermenêutico do *ser-aí* deve ser sintetizado em uma palavra: *alétheia*. Todavia, a inteligibilidade desta última requer a observação da autêntica clareira entre ser e ente, através de uma mútua análise que obriga a questionar o sentido do ser a partir do ser-no-mundo e vice-versa.

Segundo Benedito Nunes, Heidegger afirmou que o pensamento moderno manteve a ideia de Verdade enquanto conformidade entre o enunciado e o objetivo visado:

O enunciado seria verdadeiro em razão da conformidade entre o que nele se enuncia e a coisa. O que nele se enuncia é a determinação predicativa. E 'coisa' designa aqui o objeto da enunciação, de que se predica no enunciado proposicional verdadeiro. Ao nível do encadeamento da palavra, onde se concretiza, a *adaequatio rei et intellectus* se traduz numa relação de conformidade, de concordância, também dita de *convenientia* entre aquilo a respeito do qual se enuncia (o conteúdo e o juízo) e a determinação predicativa do enunciado (a forma do juízo) (Nunes, 1986, p. 177).

Ainda de acordo com Benedito Nunes, a Verdade entendida como conformidade não indica a sua essência, mas pode revelar a sua essência antepredicativa que torna possível a compreensão da verdade originária. Neste sentido, é preciso afirmar que a conformidade entre o enunciado e o objeto visado, fundamentada pela linguagem ontológica do *ser-aí*, viabiliza a compreensão do ser a partir do binômio "velamento-desvelamento", uma vez que este último identifica-se com a *alétheia*.

Compreender a *alétheia* no binômio "velamento-desvelamento" é tornar inteligível, simultaneamente, o ente que se manifesta e o seu fundamento que permanece oculto. Caso contrário, torna-se impossível penetrar na tessitura fundamental do pensamento heideggeriano, ou seja, na palavra que sintetiza todo o seu labor filosófico:

Já a ideia de ser-no-mundo joga o pensamento de Heidegger numa esfera superadora da relação sujeito-objeto. O esquema sujeito-objeto se movimenta no horizonte de uma ontologia da coisa, de uma ontologia dos entes intramundanos que se encontram na união de alma e mundo. Mas, o *ser-aí* já se encontra sempre em contato com o ser-no-mundo e o esquema sujeito-objeto é posterior e derivado. Explicar o *ser-aí*, enquanto ser-no-mundo, pela relação sujeito-objeto, oculta a originalidade do próprio *ser-aí* por uma explicação ontologicamente inadequada” (Stein, 1968, p.37)

Desta forma, o esquema sujeito-objeto oculta o princípio originário que, de alguma maneira, pertence ao homem. Com efeito, a subjetividade e a objetividade devem indicar a abertura do ser que as fundamentam (verdade originária), assim como validar a diferença daquilo que “é” daquilo que “dá-se ser”⁸.

Enfim, o esquema “sujeito-objeto” aponta para o acontecer fenomenológico do ser que se oculta e que se manifesta. Então, é válido destacar que Heidegger procurou superar toda a tradição metafísica – apoiada essencialmente na ideia de uma substância transcendental infinita e na oposição “sujeito-objeto” – a partir de um eixo que se movimento durante todo o seu labor filosófico: o *acontecimento-apropriação* entre ser e ente.

Entretanto, é válido destacar o seguinte: a possibilidade ontológica do *ser-aí* não se identifica com a noção de possibilidade constituída pela tradição metafísica. Isto ocorre porque ela aponta para a *alétheia*:

Portanto, o fato de não pensarmos ainda a possibilidade faz com que tudo expliquemos a partir da presença e não tenhamos descoberto a dimensão daquilo que sustenta a presença velamento que sustenta a presença do real, que é, precisamente, aquilo que se retrai, e que se esconde na *aletheia* como velamento que sustenta o desvelamento: a presença, e isto é a *aletheia* como possibilidades” (Stein, 1968, p.39).

Nesse sentido, a questão da possibilidade não pode ser apenas vista, tal como fez a tradição metafísica, a partir do conceito de *potentia*. Logo, é

⁸ Atente-se para o conteúdo dessa sentença, ‘dá-se ser’ (*gibt es Sein*), que transfere o sentido do ‘é’ à compreensão do ser inerente ao *Dasein*, e que se refere ao ser dessa compreensão pela significação corrente da expressão coloquial *es gibt- dá-se, ocorre, manifesta-se*. *Dá-se ser*, e a ‘realidade’ é o que se descortina, já no âmbito da existência, através da conduta pertinente do conhecimento. Quando dizemos de uma coisa que é conhecida, no modo de ver teórico, o ser já se manifestou de antemão” (Nunes, 1986, p.181).

preciso destacar que a realidade é fundamentada através da possibilidade entendida como *alétheia*.

Além disso, a *alétheia* abre caminho para a compreensão do princípio relacional do *acontecimento-apropriação*⁹ entre ser e ente, assim como sustenta o desvelamento do esquema “sujeito-objeto” e a ideia do Ser infinito.

Para Benedito Nunes, a transferência da ideia do fundamento original constituído pela Analítica Existencial – passando das concepções da subjetividade e da substância infinita da *alétheia* – realiza a inversão do cogito cartesiano. Com efeito, após a análise do ser-no-mundo, pode-se afirmar com certeza, que é a experiência antepredicativa (as possibilidades projetivas do *ser-aí*) que viabiliza a máxima “penso, logo sou”. Desse modo, é preciso assinalar, antes de mais nada, a existência do *ser-aí* para depois se pensar no ser como identidade e na verdade como conformidade.

Ainda de acordo com o autor, o deslocamento da subjetividade e da substância infinita como fundamento para a *alétheia* não significa uma transposição do conhecimento científico ou metafísico para uma espécie de teologia da ontologia:

Ao contrário, trata-se de extrair da positividade mesma, do reconhecimento da verdade ôntica em que os conceitos fundamentais das ciências assentam, da conduta positiva para com o ente que a objetividade própria a cada domínio científica revela, o perfil da questão do ser. O que se desloca, ao qualificar-se a liberdade de ‘fonte do princípio do fundamento’, não é a validade intrínseca das ciências, mas o seu sentido, enquanto possibilidade humana. O sentido

9 Segundo Stein, a possibilidade (entendida como *alétheia*) indica o caminho para a compreensão do princípio relacional entre ser e ente (*acontecimento-apropriação*). Vale frisar que este último representa o mais antigo pensamento da filosofia antiga, também identificado como *alétheia*: “A substância e a subjetividade são elementos da realidade objetiva, que são sustentados pela possibilidade, enquanto ela os pro-duz {sic} com seu poder. Em 1962 Heidegger, discutindo o problema do tempo e do ser, conclui que aquele que dá ser e tempo (isto é, aquele que produz ser e tempo, em seu destinar e alcançar) é o acontecimento-apropriação. Ele, segundo a interpretação de Heidegger, é o *einai* que está, isto é, que pode, que é capaz de pro-duzir {sic}, de dar, de destinar o tempo e alcançar o ser. Este acontecimento-apropriação, que Heidegger identifica com o mesmo é apresentado como sendo o mais antigo do antigo pensamento ocidental, o originariamente antigo do antigo pensamento ocidental, o originariamente aceito que se oculta no nome *aletheia*. Portanto, a possibilidade é a própria *aletheia*, é o ser pensado, não apenas como presença (*ousia*), como fez a metafísica, mas como possibilidade de presença (desvelamento), o que quer dizer velamento, retenção, retração. Na *aletheia* o ser é pensado como possibilidade em seu sentido ativo, enquanto toda a presença (*ousia*) depende da *lethe*, do ocultamento, do velamento” (Stein, 1968, p.40).

do conhecimento científico, que, como teoria, nasce da experiência antepredicativa modificada, é extracientífico. Em primeiro lugar, os conceitos fundamentais de uma ciência, que enfeixam a compreensão prévia do domínio entitativo por ela descoberto, não são deslindáveis nem instaurados pela própria ciência (Nunes, 1986, p.187).

Segundo Stein (1968, p.41), o movimento circular da existência, que se revela a partir da questão da possibilidade, anuncia um outro fator que permite indicar a *alétheia* como síntese do pensamento heideggeriano: a *steresis*. Para ele, a tradução desta palavra por privação, baseada no esquema “sujeito-objeto”, esconde o poder positivo que se revelava através dos gregos. Enquanto a *steresis* sustenta a *alétheia*, como a ausência que fundamente a presença, outro termo fundamental para a compreensão do círculo hermenêutico do *ser-aí* pode ser, simultaneamente, desvelado: a *lethe*. Isso ocorre porque esta última, tal como ocorre com a *steresis*, fundamenta a *alétheia*¹⁰.

Por outro lado, a *alétheia* é precisamente a presença que aponta para a *lethe* e para a *steresis*. Assim, devemos procurar o sentido originário desta palavra entre os gregos. Dessa maneira, teremos o instrumental necessário para a compreensão do círculo hermenêutico do *ser-aí*:

Justamente a afirmação do círculo hermenêutico, da circularidade ontológica do *ser-aí*, e a visão da viravolta, mostram para uma esfera em que o ser e o *ser-aí* se com-preendem {sic} (apropriam) fora da estrutura do sujeito e do objeto. Na medida em que o ser instaura o homem (*aí*) como sua abertura, é que o homem manifesta, mostra, *presentifica*, o ser. Esta relação circular vai se aprofundar através da viravolta, onde desaparecem todos os sinais de um horizonte transcendental, e o onde o ser é penetrado como o instaurador do *ser-aí*. A subjetividade continua com o seu valor no plano ôntico, mas no plano ontológico da fenomenologia o sentido heideggeriano elapide a sua vigência. É a *alétheia* que se apresenta desde os gregos, mas que a metafísica não penetrou (Stein, 1968, p. 44).

¹⁰ Vale a pena frisar o seguinte: a tríade *alétheia*, *steresis* e *lethe* só pode ser compreendida, em seu sentido autêntico, a partir da ambivalência da questão da possibilidade. Isto porque a mesma revela o ser, no plano ôntico, a partir da terceira pessoa do singular, ou seja, através da palavra “é”. Por outro lado, a instância ontológica – que fundamenta o ser compreendido como identidade e a verdade como adequação – mostra o sentido do ser a partir do termo “dá-se ser”, isto é, naquilo que se manifesta e que se oculta.

Para provar que a tradição metafísica não atingiu o sentido essencial da palavra *alétheia*, Heidegger mostrou na conferência *Que é Metafísica?* que a origem do nada não repousa na negação do ser, uma vez que a origem do nada também se identifica com a do ser. Por conseguinte, toda a concepção do nada (como a negação do ser) edificada pela tradição metafísica é sustentada por um princípio mais originário, que pode ser sintetizado na palavra *alétheia*. Além do mais, Heidegger mostrou na conferência *Que é Metafísica* a ineficácia da razão científica na compreensão do ser:

Mas o estranho é que precisamente, no modo como o cientista se assegura o que lhe é mais próprio, ele fala de outra coisa. Pesquisado deve ser apenas o ente e mais – nada; somente o ente e além dele – nada; unicamente o ente e além disso – nada (...) O nada é justamente rejeitado pela ciência e abandonado como o elemento nadificante (Heidegger, 1969, p. 26).

Em face disso, pode-se afirmar que a aparente superioridade da ciência na análise sobre o sentido do ser, ao entendê-lo a partir do termo “é”, não pode atingir o fundamento ontológico que sustenta esta análise predicativa. Assim, é importante destacar que a filosofia não pode se rebaixar aos princípios defendidos pela tradição metafísica.

Desta maneira, a filosofia deve buscar a verdade originária na qual a verdade ôntica está fundada. Assim, ela poderá compreender o círculo hermenêutico do *ser-aí*, uma vez que este último se detém diante da diferença entre ser e ente, assim como a interdependência de ambos. Enfim, é importante destacar que a circularidade do *ser-aí* indica a compreensão do ser a partir da *alétheia*, uma vez que a abertura do *aí* do ser-no-mundo é inteligível a partir do binômio “velamento-desvelamento”:

A virada de Ser e Tempo em Tempo e ser, iniciada no ensaio *Da essência da verdade*, e que foi uma mudança de foco, exigiria não apenas refazer ao contrário o caminho percorrido, mas para revirá-lo para dentro do círculo em torno do qual havia se desenrolado. À perspectiva do ser, através da Hermenêutica do *Dasein*, sucederia a Hermenêutica do ser – a questão do pensamento, antecipada na linguagem e realizando-se como história – enquanto perspectiva do *Dasein* (Nunes, 1986, p.192).

A Origem do Binômio “Velamento-Desvelamento”

Diante deste contexto, alguém pode indagar o seguinte: qual é a gênese do binômio “velamento-desvelamento”?

Com efeito, pode-se dizer que a resposta dessa questão é primordial para a compreensão do sentido do termo *alétheia*, dado que revela a passagem da esfera ontológica para a esfera ôntica do aspecto originário da Verdade.

Vale frisar que tal passagem não detalhasamente a clarividência entre ser e pensamento (*Licht ung*), mas também a queda dessa clarevidência no mundo da escuridão por intermédio da ação da retitude da percepção humana. De certa maneira, não é errôneo acrescentar que essa queda assinala o surgimento do reino da inautenticidade humana, já que descreve o processo pelo qual o homem oculta e metamorfoseia a sua natureza primordial (a experiência antepredicativa) em prol de uma segunda natureza.

Dessa forma, a totalidade da relação sujeito-objeto “...permanecerá indeterminada e não fundada em sua essência, pois, toda discussão acerca da possibilidade ou impossibilidade da adequação se desenvolverá no vazio, não importa a sua natureza” (Boutot, 1987, p.187). Isto posto, pode-se dizer que a resposta acerca da origem do binômio “velamento-desvelamento” está descrita no livro VII da *República* de Platão.

De fato, isso acontece porque tal livro apresenta a *Alegoria da Caverna*, ou melhor, a metáfora que narra o processo de entendimento (*παιδεία*) do homem em torno da Verdade que rege o Universo¹¹.

O início desse processo acontece quando o homem compreende que o conhecimento produzido pelo mundo das sombras não representa a Verdade do Universo, visto que conhecimento se equivoca num princípio essencial.

11 “O fato de haver uma mudança na essência da verdade em Platão não significa, em absoluto, que a concepção primitiva da verdade como desvelamento desapareça inteiramente do campo do seu pensamento. Essa concepção ainda está em funcionamento na *Alegoria da Caverna*” (Boutot, 1987, p. 186).

De certo modo, isso acontece porque tal cognição estabelece um elemento arbitrário – o enunciado – que visa operar a conexão entre duas realidades absolutamente heterogêneas (a subjetividade e a objetividade).

Vale frisar que tal conexão é superficial, uma vez que não existe nenhum elemento pertencente ao homem que seja capaz de efetivar a conformidade ou o acordo com a objetividade, seja tal elemento de ordem mental ou de ordem linguística.

Destarte, o conhecimento produzido pelo mundo das sombras é um Simulacro do Real¹², ou melhor, uma aparência enganosa da Realidade. Convém observar que esse Simulacro pode ser sintetizado na sentença metafísica *adequatio rei intellectus*, visto que esta última reflete a luta humana para efetuar a ligação entre duas instâncias radicalmente heterôgeneas. Por conseguinte, o homem rompe os grilhões do Simulacro do Real e contempla a clarividência do Ser. Trata-se de uma experiência sem igual, pois está além de toda tentativa desesperada de conhecer o Universo por intermédio de uma ligação superficial.

É importante acrescentar que tal experiência é antepredicativa, porque antecede toda forma de juízo lógico. Trata-se do desvelamento do homem como um ser-no-mundo, isto é, como um ser que carrega em sua estrutura primordial a noção de mundaneidade.

Eis a Verdade do Universo. Não se trata de uma esfera que possua uma significação lógica, mas sim ontológica. Por isso, a Verdade não pode ser pensada em termos de conformidade ou acordo entre o sujeito e o objeto. Em síntese, ela representa a não-ocultação da entidade material diante da presença da condição humana.

Por fim, é mister reconhecer que a experiência antepredicativa da condição humana está acompanhada de uma outra experiência primordial.

12 Em linhas gerais, pode-se dizer que o Simulacro do Real não significa uma imagem da Realidade que evidencia a natureza desta última. Trata-se, pelo contrário, de um retrato da Realidade que procura ludibriar aquele que o contempla. De fato, isso acontece porque esse retrato pretende transformar o falso em verdadeiro, e vice-versa: "Trata-se da imagem produzida com a finalidade de enganar, portanto de ocultar a diferença ontológica que a torna diversa do modelo real" (Botter, 2016, p. 116).

Como se sabe, tal diferença reside na correspondência originária existente entre o homem e o mundo, ao invés da cisão de ambos em dois polos heterogêneos (sujeito e objeto).

Para entendê-la, é preciso destacar que a clarividência do Ser está condicionada pela Ideia do Bem, ou melhor, pela ideia da perfeição.

Por este motivo, essa clarividência procura estabilizar seu olhar diante da não-ocultação da entidade material que antecede forma forma de juízo lógico. O resultado dessa procura é a consolidação da retidão da percepção humana diante da objetividade material.

Com isso, percebe-se que o desvelamento não representa mais seu próprio fundamento devido à sua submissão a ideia de perfeição. De certa maneira, não é errôneo assinalar que tal submissão estabelece uma espécie de transformação da essência da Verdade.

A partir deste momento, esta última não significa mais o não-velamento da entidade material diante da presença da condição humana, mas sim “a retidão do olhar que deve se ajustar à idéia ou concordância da proposição com a essência da coisa, isto é, com a idéia (*ιδέα*)” (Le Moli, 2002, p.148).



Considerações
Finais

Na introdução desta pesquisa, foi realizada a seguinte pergunta: de que maneira Martin Heidegger compreende o sentido do termo grego *alétheia*?

Depois das reflexões e da apresentação dos resultados nas páginas anteriores, pode-se dizer que essa compreensão se baseia no processo de não-ocultamento da objetividade material diante da presença do ser humano.

Partindo de uma intuição fundamental que comandou toda a sua filosofia, Heidegger procurou estabelecer um vínculo essencial entre a finitude do *ser-aí* e a compreensão do ser. Para tanto, procurou compreendê-lo a partir do princípio do *acontecimento-apropriação*.

Contudo, o *acontecimento-apropriação* só será possível se a compreensão do ser identificar-se com a *alétheia*. Isto porque esta última representa a intuição essencial que sintetiza o pensamento heideggeriano.

Compreender a *alétheia* é mostrar a circularidade do *ser-aí*, provando que o entendimento do ser a partir do *ente historial* necessita da compreensão das possibilidades projetivas do ser-no-mundo através do “velamento-desvelamento”.

Além disso, compreender a *alétheia* significa tornar claro a ligação original entre ser e verdade, bem como mostrar o princípio essencial que fundamenta a verdade como conformidade e o ser como identidade. Assim, ela ultrapassa tanto o modelo da filosofia da substância infinita como o da subjetividade.

Desse modo, a compreensão da *alétheia* passa pela constatação que a filosofia não deve se rebaixar aos princípios defendidos pela tradição metafísica. Por outro lado, ela não pode excluí-los, uma vez que a partir deles que reside a possibilidade de tornar clarividente o *acontecimento-apropriação* entre ser e ente.

Logo, tornar inteligível a *alétheia* representa entender a originalidade do pensamento heideggeriano por meio da linguagem ontológica do *ser-aí*. Isto não significa, em absoluto, compreender o pensamento heideggeriano através do esquema lógico-formal.

Enfim, todo avanço para a compreensão da *alétheia* significa um retorno à sua origem, bem como anuncia o início da filosofia. Vale frisar que este último ocorreu a partir de alguns pensadores que refletiram em torno do *acontecimento-apropriação*.

Para finalizar, vale destacar que a compreensão da *alétheia* confunde-se com o próprio entendimento da circularidade do *ser-aí*, uma vez que

(...) a busca da verdade do ser, do sentido do ser, começa pela analítica existencial. Nas estruturas da finitude e temporalidade do *ser-aí*, Heidegger procura desvelar o horizonte em que se manifesta o sentido do ser. Mas, para realizar a verdadeira compreensão do ser na finitude, Heidegger precisa desenvolver as verdadeiras dimensões em que se dá tal compreensão. A compreensão da finitude exige uma situação hermenêutica somente a partir do círculo hermenêutico. A circularidade da compreensão, porém, fundamenta-se na própria constituição circular do *ser-aí*. Entretanto, a própria circularidade da interrogação pelo ser na finitude aponta para a necessidade da viravolta do pensamento do ser. É na viravolta que se revelam as consequências últimas da fidelidade à interrogação pelo ser na finitude (Stein, 1968, p. 2).

Em suma, o entendimento da circularidade do *ser-aí* consolida o vínculo originário entre o homem e o mundo. Com efeito, isso acontece porque tal entendimento destaca a importância da interdependência entre ser e ente, bem como da diferença ente ambos.

Referências

- BEAINI, Thaís Curi. **A escuta do silêncio**. São Paulo: Cortez, 1981.
- BEAUFRET, J. **La naissance de la philosophie (In: Dialogue avec Heidegger)**. Paris: Éditions de Minuit, 1973.
- BIMEL, W. Heidegger and metaphysics. Illinois: **Journal of Religion and Culture**, nº3, 1977, pp. 50-60.
- BOSIO, F. **La presenza di Platone nel pensiero di Heidegger** (In: Letture Platoniche). Perugia: Quaderni dell'Università di Perugia, 1987.
- BOTTER, B. **Enti inesistenti: phantasmata in Platone**. Archai, nº 18, 2016, pp.113-149. BOUTOT, Alain. Heidegger et Platon – Le problème du nihilisme. Paris: P.U.F., 1987.
- COSTELLA, D. **Aletheia e eidos – A interpretação heideggeriana da doutrina platônica da Verdade**. São Paulo: Revista de Filosofia, 1988, nº2, pp.15-20.
- COURTINE, J.F. **Le Platonisme de Heidegger (In: Heidegger et la Phénoménologie)**. Paris: J. Vrin, 1990.
- DOSTAL, R.J. Beyond Being – Heidegger's Plato. Baltimore: **Journal os History de Philosophy**, nº 23, 1985, pp. 71-98.
- HEIDEGGER, Martin. A sentença de Anaximandro. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- _____. A teoria platônica da Verdade. (In: Marcas do caminho). Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos).
- HEIDEGGER, Martin; Fink, Eugène. **Héraclite - Séminaire du semestre D'Hiver 1966-1967**. Paris: Gallimard, 2017.

_____. **Identidade e Diferença.** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraia Duas Cidades, 1971.

_____. **Que é Metafísica?** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

_____. **Sobre a Essência da Verdade.** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

GRONDIN, J. **L'aletheia entre Platon et Heidegger.** Paris: Revue de Métaphysique et de Morale, 1982, n° 1982, pp.551-564.

LAFFOUCRIÈRE, O. **Le Destin de la pensée et la «mort de Dieu» selon Heidegger.** La Haye: M. Nijhoff, n°24, 1968, pp.XI-268.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Itinerário do Pensamento de Heidegger (In: Introdução à Metafísica de Martin Heidegger).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

LEGRAND, Gérard. **Les Présocratiques.** Paris: Éditions Bordas, 1987.

LE MOLI, Andrea de. **Heidegger e Platone – Essere, relazione, differenza.** Milano: Vita e Pensiero, 2002.

MATTEI, J.F. **Le crepuscule de la philosophie – Heidegger et Platon.** Paris: Revue de Études Philosophiques, 1986, pp.43-66.

MONTICELLI, R. de. **Le polémique heideggérienne (In: L'ascèse philosophique – phénoménologie et platonisme).** Paris: J.Vrin, 1997.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético – Filosofia e poesia em Heidegger.** São Paulo: Ática, 1986.

STEIN, Ernildo. **A Questão do Método na Filosofia.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

_____. **Compreensão e Finitude – Estrutura e Movimento da Interrogação Heideggeriana.** Porto Alegre: Tese de Livre-Docência da UFRGS, 1968.

TAMINIAUX, Jacques. **Heidegger et les Grecs à l'époque de l'ontologie fondamentale.** In: Études Phénoménologiques. Bruxelles: Ousia, 1985.

VITIELLO, V. **Di là dall'evidenza, verso l'ombra – Heidegger interprete di Platone.** Rome: Rivista "IL Pensiero", 1982, pp.65-84.

VOLPI, F. **Platonismo ed Aristotelismo come figure archetipiche della metafisica in Heidegger.** Milano: Franco Angeli, 1992.

WAELEHENS, A. De. **La philosophie de Martin Heidegger.** Belgique: Bibliothèque Philosophique de Louvain, 1946.

SOBRE OS AUTORES

André Christian Dalpico

Doutorando em Filosofia pela PUC-PR. Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Coordenador e Professor dos cursos de Pedagogia e Recursos do Centro Universitário Paulistana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0674001599906178>.

E-mail: andre.dalpico@unipaulistana.edu.br.

Marcelo Martins Bueno

Doutor e Mestre em Filosofia Política pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5593879626315474>.

E-mail: marcelo.bueno@mackenzie.br.

ÍNDICE REMISSIVO

A

acontecimento-apropriação 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 34, 35

adequatio rei et intellectus 20

adequatio rei intellectus 13, 31

afetividade 22

alétheia 8, 11, 12, 13, 14, 16, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35

Alétheia 8

Análítica existencial 22

angústia 23

C

circularidade 8, 28, 34, 35

círculo hermenêutico 12, 17, 21, 25, 28, 29, 35

clareira 11, 12, 20, 25

compreensão 8, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35

condição humana 13, 31, 32

conformidade 11, 12, 16, 25, 27, 31, 34

conhecimento 16, 23, 26, 27, 28, 30, 31

D

Dasein 8, 13, 22, 23, 24, 26, 29

desvelamento 8, 12, 13, 14, 17, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34

diferença ontológica 17, 31

discurso 11, 21, 23, 24

E

ente 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 34, 35

ente historial 18, 19, 20, 23, 34

essência da Verdade 12, 13, 14, 16, 17, 20, 22, 24, 32

existência 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 28

experiência antepredicativa 21, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31

F

facticidade 22

filosofia 13, 14, 17, 19, 23, 24, 27, 29, 34, 35, 36

finitude 18, 34, 35

H

Heidegger 8, 9, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38

heideggeriano 8, 11, 12, 16, 18, 21, 22, 24, 25, 28, 34

Hermenêutica 29

I

identidade 11, 16, 17, 18, 20, 21, 27, 28, 34

inteligibilidade 17, 25

interpretação 8, 17, 21, 22, 23, 27, 36

L

lethe 27, 28

Lichtung 12

linguagem ontológica 20, 21, 22, 24, 25, 34

logos 20, 21, 24

M

metafísica 8, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 34

mundaneidade 23, 31

mundo 7, 8, 11, 12, 13, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 34, 35

N

nada 27, 29

O

objetividade 12, 13, 26, 27, 31, 32, 34

ontologia 23, 26, 27

P

pensamento 8, 11, 12, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35

percepção 12, 13, 16, 30, 32

possibilidade 18, 21, 26, 27, 28, 30, 34

presença 12, 26, 27, 28, 31, 32, 34

R

razão técnica 18

realidade 26, 27

S

ser 6, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35

ser-aí 8, 11, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 35

ser-no-mundo 11, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 34

steresis 28

sujeito-objeto 8, 11, 14, 16, 17, 19, 20, 26, 27, 28, 30

T

tradição metafísica 16, 17, 19, 20, 22, 26, 29, 34

V

velamento 8, 12, 13, 14, 17, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 34

velamento-desvelamento 8, 12, 13, 14, 17, 25, 29, 30, 34

verdade originária 8, 25, 26, 29



AYA EDITORA
2026